

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

## A religião afro-brasileira como tema na literatura infanto-juvenil de Reginaldo Prandi

Lidiane Neves Rodrigues<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este texto tem por objetivo pensar a literatura infanto-juvenil de Reginaldo Prandi, sociólogo das religiões, sob a análise dos estudos culturais, uma vez que esta aparece nos dias de hoje como uma possibilidade de atender a demanda exigida pela Lei 10.639/03 a fim de contemplar nos currículos escolares os estudos da história e cultura afro-brasileira e africana nos currículos oficiais de ensino especificamente nas áreas de literatura, artes e história. Assim percorrirei uma trilogia infanto-juvenil composta pelo escritor acima citado analisando a sua perspectiva de olhar sobre as relações étnico-raciais no Brasil. Que aspectos da mitologia Yorubá perpassam as suas obras.

**Palavras-chave:** Literatura-infanto-juvenil – relações étnico-raciais – Reginaldo Prandi

### ABSTRACT

This text aims to think about the children and young people's literature Reginaldo Prandi, sociologist of religion, under the analysis of cultural studies, as it appears in this day and age as an opportunity to meet the demand required by law in order 10.639/03 in school curricula to include the study of history and culture african-Brazilian and African officers in the curricula of education specifically in the areas of literature, arts and history. So traveling in a trilogy children and youth comprise the writer above examining its perspective to look on the ethnic-racial relations in Brazil. What aspects of mythology Yorubá permeates your works.

**Keys:** Literature-children and youth - ethnic-racial relations - Reginaldo Prandi

“Iemanjá era filha de Olocum, a Senhora do Mar. Um dia Iemanjá foi viver no continente e sua mãe lhe deu uma cabaça mágica, que ajudaria numa situação de perigo” (PRANDI, 2003, p.33).

Reginaldo Prandi é escritor, pesquisador, professor da USP e sociólogo das religiões, com inúmeros trabalhos publicados e carreira acadêmica construída dentro dessa temática. Recentemente publicou uma trilogia literária infanto-juvenil a qual se reporta a mitos da

<sup>1</sup>Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos pelo Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Email: [lidipedagoga@yahoo.com.br](mailto:lidipedagoga@yahoo.com.br)

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

tradição religiosa Yorubá presentes na cosmologia dos terreiros de candomblé. Alvo de reconhecimento social, suas obras já receberam várias premiações<sup>2</sup>. Em ordem de publicação, os livros são: *Ifá, o Adivinho* (2002); *Xangô, o Trovão* (2003) e *Oxumarê, o Arco-Íris* (2004), ambos compostos de contos adaptados em linguagem e forma, retirados de seu livro para adultos “*Mitologia dos Orixás*”.<sup>3</sup>

Essa versão infanto-juvenil, de forma resumida, traz inúmeros contos que para além de seus títulos, adentra ao universo das interações entre os orixás, entre estes e seus devotos. Aborda também a reconstrução histórica dos negros na formação do Brasil. São vários contos, uma média entre 10 a 13 histórias em cada publicação, que vai da revelação das identidades dos orixás a conflitos e disputas internas entre eles.

É pertinente chamar a atenção para que pretendo, a partir dessa trilogia e da representação intelectual do escritor, Reginaldo Prandi, pensar essa literatura infanto-juvenil sob a ótica das discussões dos Estudos Culturais e para isso, me debruçarei nas reflexões teóricas de Stuart Hall, Paul Gilroy, Muniz Sodré, Kwame Appiah e Eduard Glissant. Procurarei dialogicamente articular a percepção sobre a questão étnica construída no texto de Prandi com o significado sócio-cultural da produção literária infanto-juvenil para a realidade das relações raciais brasileira. Com isso, percorrerei um caminho ainda em fendas, uma vez que apesar de vasta a produção dessa literatura nos últimos anos, ela ainda se caracteriza em sua construção inicial, daí pensá-la na realidade sócio-cultural hoje, mas que revela desde já, um futuro promissor.

Hoje a discussão da temática étnico-racial na escola é uma exigência legal percorrida nos últimos vinte e cinco anos pelo Movimento Negro Unificado (MNU) o que se caracteriza como uma vitória, resultado de lutas político-sociais que, materializados na Lei 10.639/03, remonta a história sócio-política das organizações negras do nosso país. Ou seja, a Lei 10.639/03 é símbolo da presença das revoltas, dos negros que ascenderam socialmente, das representações tradicionais que subsistem até hoje nos espaços sócio-educativos em que torna

---

<sup>2</sup> Dentre as premiações destaca-se a que recebeu em 2003 com o livro *Ifá, o Adivinho* da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Prêmio Melhor Livro Reconto.

<sup>3</sup> PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Editora Companhia das Letras. 2001.

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

vivaz a cultura negra (terreiros, quilombos, etc), da Frente Negra Brasileira e do MNU, todos estes deturpados em sua História Oficial, quando não, negados nos ambientes educacionais formais, daí a importância desta lei que procura reparar em termos curriculares, conseqüentemente, da formação ideológica esse dado ofuscado pelas redes de ensino.

Enfim, a Lei 10.639/03 vela a participação dos africanos e seus descendentes em solo brasileiro enquanto agentes na constituição do nosso país e que contraditoriamente, teve sua história negada nos espaços sócio-culturais, sendo estes por sua vez, formadores de opinião e mentalidades. Muniz Sodré ao tratar das relações raciais no Brasil e na mídia, fala que

“o imaginário é categoria importante para se entender muitas das representações negativas do cidadão negro, quando se considera que, desde o século passado, o africano e seus descendentes eram conotados nas elites e nos setores intermediários da sociedade como seres fora da imagem ideal do trabalhador livre, por motivos eurocentrados” (SODRÉ, 1999, p. 244-245).

Essa imagem construída enquanto seres fora do sistema e da incapacidade de adequação ao progresso dos negros sobre a elite branca percorreu diversos meios de representação. Sodré se refere especificamente à negatividade projetada na mídia, mas ela é percebida em todos os mecanismos de propagação cultural, ao mesmo tempo em que constrói percepções e orienta as relações interpessoais e subjetivas. Nesse sentido, literatura infanto-juvenil não está distante dessa realidade, como destaca Lima, enquanto espaço formador e construtor do imaginário social não se constitui enquanto um espaço neutro, longe das influências externas e da veiculação ideológica, ela é formada “(...) de enredos e lógicas, onde ‘ao me representar eu me crio, e ao me criar eu me repito’ (LIMA, 2001, p.96)”.

A literatura infanto-juvenil vem se reconfigurando muito nas últimas décadas, o que em sua história inicial era destinado a uma pequena parcela da sociedade, hoje se populariza e abre um leque de possibilidades de diálogos, tal quais as emergências sociais a atender novos contextos<sup>4</sup>. É dessa maneira que as questões étnico-raciais caracterizadas aqui como cunho

---

<sup>4</sup> Desde as décadas de 60-70 que a literatura infanto-juvenil, sob a preocupação de enfatizar os problemas sociais do Brasil, se comprometeu em trazer a realidade brasileira enquanto problemática a ser incorporada nesse gênero literário. Do faz-de-conta, à regionalização brasileira e aos problemas sociais, muitos foram os estereótipos construídos acerca das minorias. É nessa lógica que o negro sempre esteve quase ausente nas tramas literárias e

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

político-ideológico se (re)fazem nas tramas literárias infanto-juvenis, as quais ganham maior atenção frente a implementação da Lei 10.639/03 ao tornar obrigatória a inserção da abordagem étnico-racial nos currículos escolares. Passam a ser exigência social e legal, a ser incorporada e traduzida em prática cultural, a exemplo, da abertura do mercado editorial, pós-graduações e cursos de capacitação de professores.

Observo que dentro dessas obras literárias há uma frequência muito recorrente da afirmação de identidades das populações negras, tal qual uma busca pela origem comum decorrente do continente africano, a exaltação da beleza do povo negro, a (re)constituição familiar e cultural frutos da experiência da diáspora, e uma presença muito forte e especial atenção às religiões afro-brasileiras.

Daí a importância dessa reconstrução das imagens em que humanizem e dê visibilidade aos negros, no sentido de reposicionar o imaginário social. As literaturas de Prandi correspondem a essas expectativas, pois, informa sobre outros olhares à explicação de fenômenos sob o ponto de vista da cultura afro-brasileira. Ou melhor, especificamente as literaturas de Prandi trabalhadas aqui dão conta de mitos que revelam partes do universo simbólico dos orixás e dos terreiros de Candomblé. Traços podem ser identificados nas obras de Prandi o que se refere à cosmologia envolta do culto aos orixás, tal quais as elencadas a seguir:

1) Personalidade - os orixás são portadores de personalidades que os aproximam da figura humana, dotados de características individuais e gostos que permeiam uma individualidade e diferenças entre cada orixá. Assim, cores, comidas, saudações, cidades de origem fazem parte do repertório simbólico dos orixás, correspondentemente no culto dos terreiros. Além disso, é muito recorrente nos contos a associação dos orixás com seus respectivos cognomes, símbolo a meu ver de sua subjetividade, dessa forma, Yansã é a Destemida, Omolu o Curador, Xangô o Trovão, Oxalá é o Criador da Humanidade, Oxum a Bela, etc.

---

quando representado sempre seguido de posições de inferioridade em relação ao personagem não-negro.

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

2) Relação dialética entre o humano e as divindades. Alguns contos de Prandi (2004) denotam a veneração dos humanos para com os orixás em troca dos “favores” que estes podem lhe retornar, assim podemos dizer que um depende do outro para conferir sentido à vida. Oferendas entram como uma referência da crença, assim como, os infortúnios e os castigos devotados aos humanos e aos próprios orixás quando agem de má fé ou desobedecem a uma ordem de seus superiores. Tal qual Exu a Oxalá quando este não obedece às orientações de Olorum a respeito da oferenda a Exu antes da criação do universo, por sua vez, este lhe causa muita sede e para saciá-la bebe vinho de palma, se embriaga e dorme. Nesse momento Odudua passa em sua frente e realiza tal obrigação. Cabe a Oxalá depois disso se desculpar com Olorum, o Ser Supremo, pedir permissão a Exu e assim terminar a criação, fazendo o homem.

3) Presença muito forte de Ifá, o Oráculo. Como um orientador, Ifá tem todas as soluções para as dificuldades que se apresentam cotidianamente, seja dos orixás, seja dos humanos, se aproximando dos conflitos terrenos. Ifá “sabia o que era melhor para resolver cada infortúnio, quer se tratasse de doença, de dificuldade com a família, de falta de emprego e dinheiro (...) enfim, tudo o que pode tornar sofrida e infeliz a vida de alguém” (PRANDI, 2001, p. 45).

4) Retorno a África como origem. A África é construída como a figura materna dos mitos yorubás, daí os contos se referirem a rios, cidades e aldeias que remetem a esse ambiente. Ao mesmo tempo em que aborda a reconstrução cultural provinda do processo histórico vivenciada pelos africanos no Brasil e constituindo aqui outras práticas culturais. Nos três livros há referências a esse respeito acredito que tanto por ser o candomblé fruto dessa realidade, quanto por se tratar de uma preocupação em reconstituir e trazer a tona esse passado.

5) Criação do mundo. Oxalá, Odudua, Olorum e Exu são figuras representantes quando se trata da construção do mundo na mitologia yorubá e como tal referendados nos contos de Prandi como mencionei anteriormente. Olorum, o Ser Supremo que habita o Orum, Oxalá, Criador da Humanidade, Odudua criou o mundo, a Exu é conferido o poder de tudo

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

transformar ou criar, o que confere passagem. É preciso pedir licença a Exu para se realizar qualquer coisa. Essa temática é importante como mais um dado de deslocamento da versão construcionista judaico-cristã.

6) Imagens - As imagens enquanto uma representação simbólica, se apresentam nos textos de Prandi de modo a reforçar os aspectos tratados ao longo da trama literária, é dessa forma que símbolos a exemplo do ibiri de Nanã, o adô de Euá, o machado de duas lâminas (obá) de Xangô, contas, búzios, peneiras, galos, bodes, quiabos, atabaques, pilão, cores etc, compõe o repertório simbólico dos orixás e do Candomblé representados na obras de Prandi.

No fim de cada livro o autor fala “Quem são os nossos personagens, os orixás” e com cunho explicativo situa questões gerais sobre origem, processo histórico e escravidão e reconstrução cultural ao tempo em que situa individualmente cada orixá segundo suas personalidades. Trata-se de uma síntese teórica sobre a questão racial no Brasil, da reconstrução cultural para se chegar ao Candomblé e em específico aos orixás e todo o seu significado e cosmologia.

Assim, vemos a partir dos contos de Prandi o que o escritor Édouard Glissant (2005, p.72) chamou de cultura compósita, síntese do cruzamento cultural entre diversos povos, de diversas origens. Podemos pensar no campo de que a construção do Candomblé é uma religião presente apenas em solo brasileiro, mas que ao mesmo tempo é sinônimo da diversidade de povos africanos que se organizaram no Brasil com o intuito de manter vivos, traços culturais vivenciados na terra de origem. Só que outro elemento é incorporado nos últimos anos como o próprio Prandi (2003, p.55) relata, o candomblé necessariamente deixou de ser exclusivamente uma religião étnica, tida há décadas atrás como uma instituição apenas de negros, mas que já se vêem brancos compondo esse cenário, mesmo que minoritariamente.

Isso faz lembrar o que Hall (2006, p.30) define de transculturação, uma vez que está em órbita valores tanto do colonizador, quanto do colonizado e em relação geo-temporal inventam outras formas de relacionar-se com o mundo a sua volta. Em outra passagem, ao tratar do conceito de diáspora e aplicá-lo à realidade caribenha, pensa no conceito derridiano de *différance* em que há sempre a possibilidade de manter abertas as fronteiras

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

das relações culturais, pois, trata-se de uma construção humana e dinâmica em constante transformação, assim, “(...) sempre há o deslize inevitável do significado na semiose aberta de uma cultura, enquanto aquilo que parece fixo continua a ser dialogicamente reapropriado” (HALL, 2006 p.33).

Origens e mudanças podem ser observadas nas tramas que regem os princípios do Candomblé. A própria noção de Orixá remete-nos a uma tradição Yorubá<sup>5</sup> que permanece até hoje na nossa cultura, outros exemplos são as associações dos orixás e suas características, personalidades, sua ligação com a natureza e a relação íntima entre devoto e o orixá, sendo que cada pessoa têm o seu numa reciprocidade de personalidades e de cuidados devotados a ambos. Um alimenta o universo simbólico do outro. Esses são traços culturais que a meu ver foram ressignificados perante mediação cultural dos povos africanos aqui em comunhão com o processo da escravidão. Afinal, são traços comuns dos valores Yorubá, mas que não foram todos os orixás, nem todos os significados e representações que os negros africanos conseguiram reconstituir aqui.

Glissant (2005) ao falar da realidade cultural dos ciganos nos remete à idéia de que todos os povos têm a legitimidade de se posicionarem como uma resposta político-social no contexto em que vivem. Acredito ser a literatura enquanto espaço de representação e construção ideológica, um espaço de reorganização e de reposicionamento do imaginário social. Vejo na literatura infanto-juvenil afro-brasileira um instrumento de poder, luta e ressignificação histórica. Segue o autor falando: não mudaremos nada da situação dos povos do mundo se não transformarmos esse imaginário, e a idéia de que a identidade deva ser uma raiz única, fixa e intolerante (GLISSANT, 2005, p. 80). Essa literatura com as características que se apresenta desloca o lugar dos cânones literários e da negação acometida ao povo negro. Vem mostrar que negro também constitui esse país, produz cultura e que vem buscar

---

<sup>5</sup> Maiores informações ver BARBER, Karin. “Como o homem cria Deus na África Ocidental: atitudes dos Yoruba para com o òrisà”. In.: Moura, C. E. M. de (org). Meu sinal está no teu corpo. São Paulo: EDICON-EDUSP, pp. 142-175; PARÉS, Luis Nicolau. “Do Calundu ao Candomblé”. In.: A formação do Candomblé: História e ritual da nação jeje na Bahia. Campinas, Editora Unicamp, 2006.

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

legitimidade junto às formas formais de representação, proporcionando as gerações futuras uma dinâmica de auto-estima, reconhecimento social da condição de ser e estar no mundo.

Na trilogia de Prandi, os primeiros contos dos livros vêm falando (brevemente) sobre o fato histórico da escravidão e conseqüentemente das tradições, deuses, costumes que trouxeram consigo, sob o pretexto consciente da ligação das religiões afro-brasileiras com sua origem africana. Não é a toa que nas folhas de rosto dos livros refira-se: mais histórias dos deuses africanos que vieram para o Brasil com os escravos. Por se tratar de livros de mitologias dos orixás do candomblé, não há referência explícita a religiões em contexto africano, mas sim, do ambiente onde nascem os orixás, como um templo, uma base, uma raiz. É essa a noção de África que nos remete o autor. De um passado que também é presente nas memórias de indivíduos que crêem e que vivem tais princípios, é o exemplo do povo-de-santo que tem no candomblé uma instituição vista como resistência e patrimônio cultural viva.

Esse retorno à África é muito presente e vamos encontrá-la em muitos contos, tempos em que os orixás habitavam a África, sendo o ambiente em que se passam as histórias, construindo uma identidade entre África-Brasil, entre o passado e o presente. No último volume, “Oxumarê, o Arco-íris”, relata o autor, “Ifá, o Advinho, aquele que conhece todas as histórias e as que vão acontecer, conta que na África negra, em tempos imemoriais, vivia a mais velha das mulheres, e mais antiga de todas (...)” (PRANDI, 2004, p.09).

O passado sempre se cruza com o presente, tal qual Ifá conhecedor de todas as histórias do passado, presente e das que pertencerão ao futuro, reconstituídas a partir do processo histórico e da dinâmica cultural acometida ao longo dos anos às nações africanas no Brasil.

Essas noções entre dois mundos, ou melhor, vários mundos e realidades distintas nos remetem a idéia de diáspora apresentado por Stuart Hall quanto a um resultado de conexões culturais que os torna singulares na diferença. Fala que,

“(…) nossos povos têm suas raízes nos – ou mais precisamente, podem traçar seus rotas a partir dos - quatro cantos do globo, desde a Europa, África e Ásia; foram forçados a se juntar nos quatro cantos, na cena primária do Novo Mundo. Suas rotas são tudo, menos “puras” (HALL, 2003, p. 30).

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

É Appiah quem nos diz que até o século XIX se falava apenas na unidade da identidade africana. Várias identidades, desde o período pré-colonial já existia, assim como, durante e depois desse processo. Mas, a identidade africana ainda está em construção, pois ela é histórica. Aponta como uma identidade (apesar de negar o conceito) a uma questão de raça em que um negro do continente africano se identifica pertencente a esse traço comum.

Entretanto há várias outras identificações, vejam que identidade é um campo complexo e de multiplicidade de sentidos. De fato, apesar de Prandi se reportar para a realidade dos terreiros, há inúmeras outras formas de representação em que o negro é reportado. Identidade móvel é essa a dinâmica que deve ser assumida, pois, como pressupõe a própria noção de história, trata-se de um processo e como tal muda, e as transformações ocorrem. Então há um arsenal de representações em que a literatura vem se debruçar a dar conta de diversas realidades de acordo com os diferentes papéis sociais da população negra.

No segundo volume (2004), acrescentando o primeiro, Reginaldo Prandi além de trazer outras histórias sobre Xangô dá a cena também a outros orixás não apresentados no primeiro livros da trilogia. É o caso de Iroco, um orixá que morava em uma gameleira branca; yemanjá que castigou os humanos pela falta de cuidado com a sua morada, o mar, daí o surgimento das ondas como uma forma de rebeldia e de retornar aos homens todas as sujeiras jogadas ao mar. Apresenta ainda, yansã, Oxaguiã e Oxalá.

Em “Oxumarê, o Arco-Íris”, permeia os mesmos universos simbólicos dos outros contos, tal qual a relação entre os próprios orixás, a sua relação com os humanos e com a natureza. Diferenciando-se ao acrescentar outros orixás Nanã, Omolu, Enrilé, Ajalá e Ossaim, ampliando o horizonte de informações da representação desses orixás. Nanã briga com Ogum por este não lhe dar o devido valor e respeito, tudo aconteceu em uma festa no palácio de Olorum onde todos os orixás estavam reunidos, conversando sobre a importância de cada um, mas a conversa tomou uma direção em que Ogum chegou a dizer que Nanã é também conhecida como a Velha, a Ranzinza. Nanã não gostou e “(...) nunca mais se usou faca de metal por causa do desentendimento sobre o poder e a humildade” (2004, p. 18).

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Omolu representa o curador conhecedor das ervas e que proporciona a cura. A história conta o porquê de Omolu ter o corpo revestido de palha, depois de ter adquirido a varíola daí seu interesse pela cura de doenças. Só que em estado de tristeza e solidão, Yemanjá em reconhecimento a Omolu presenteou-o com suas pérolas e essas cobrem as marcas de sua doença. Mas mesmo “ele orgulhoso de seus mistérios de curador e sua riqueza (...) é triste e retraído” (2004, p. 21). Sua saudação é Atotô, que significa respeito e silêncio. Por sua vez Enrilé, Caçador de Elefantes aparece em duas histórias, uma delas, fala de uma acusação injusta que ele recebe e se transforma em um rio, a segunda ele se relaciona com Oxum e daí nasce Logum Edé.

Esse tipo de escrita está preocupado em romper com modelos de representações depreciativas e inferiorizantes da cultura afro-brasileira. É preciso conviver com a diferença, mostrando as identidades afro-brasileiras que permutam em formas culturais. Sodré a esse respeito, diz que,

“(...) tal identidade aparece na história a partir da discriminação cultural operada por indivíduos e grupos de cor clara. Estes, por sua vez, só se reconhecem como ‘identidade branca’ ou ‘eurocidental’ no contexto relacional com os ditos não-brancos ou não-ocidentais” (SODRÉ, 1999, p. 255).

Nesse mesmo contexto, reflete que os conflitos raciais entre brancos e não-brancos se dão em relações de poder entre o “Mesmo Dominante” e o “Outro Subalterno” numa construção “sínico-imagística” do Outro em que pese à marca identitária em traços físicos enquanto uma apropriação do mercado e da mídia como forma de “minimizar a dimensão política em favor da promoção de uma auto-estima individual, estético-mercadológica” (1999, p. 255).

De fato vemos essa apropriação por parte do mercado, principalmente nos últimos anos, mas acredito que na contramão há lugar - mesmo que ínfimo perante as outras produções, de “luta” simbólica dos escritores comprometidos com a temática étnica que aproveitam o momento de abertura e aceitação do mercado a essas publicações afro-brasileiras. Não é a toa que Sodré afirma que há em todo esse processo, identificações de conflitos contra esse sistema ao se negar as desigualdades sociais.

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Penso que mesmo não diretamente, e apesar de falar no contexto do mercado e da mídia e produtos de consumo a atender a uma nova demanda social, a crítica de Sodré é muito pertinente na análise contextual de outras esferas também. É preciso reconhecer quem de fato faz um trabalho engajado e comprometido com a causa étnico-racial e quem simplesmente se apodera desse momento para usufruto liberal, e claro, há também quem se arrisca a assumir essas duas posições. Falo isso no campo da produção simbólica e a literatura enquanto tal se encaixa nessa observação.

É pautado nessas diferenças relacionais entre o Mesmo e o Outro como trata Sodré em que as desigualdades vão se formando na sociedade, conseqüentemente, as identidades a dar uma conotação de quem é o outro são delineadas. E encarando essa questão identitária como um fator de mobilidade e reconhecimento social dentro das relações sociais, precisamos ter uma definição mais adequada ao contexto atual a não incorrer em questões de essencializá-la e assim, congelar a imagem do Outro.

Assumo aqui, a noção de identidade defendida por Hall e Gilroy como um campo em aberto, móvel, fluido e dinâmico construído historicamente dado as transformações de cada concepção e mudanças de sentidos que cada época incita. Vemos que as obras de Prandi reportam-se a uma idéia de identidade assumida e enfatizada geralmente nos terreiros de Candomblé. Mas há outras formas de representação dessa identidade que não apenas a apresentada aqui e que outros autores vêm dando conta, é essa dinamização de papéis sociais e culturais que orientam a escrita desses escritores e dão uma vasta representação em que o leitor possa se identificar, construindo-se a se mesmo. Sodré (1999) também nos fala que a identidade é construída em bases de um território, tomando isso como um pressuposto sem necessariamente se limitar na noção de nacionalismo, as obras de Prandi pensa em uma identidade calcada na África e no Brasil.

Gilroy por sua vez em seu livro O Atlântico Negro fala como intelectuais negros no século XIX assumiram uma postura de autoconsciência de seu estar e ser no mundo e de como sua escrita projetaram um mundo de autonomia e liberdade. Assumindo para além da

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

postura intelectual, uma postura política com a condição da realidade acerca da população negra e dos lugares simbólicos ocupados e não ocupados por eles.

É a utilização de espaços sociais e formais, a exemplo da academia, que fornece a percepção teórica e do lugar e da produção simbólica na reorganização dos indivíduos frente as injustiças sociais e, que instrumentaliza nesse mesmo plano a busca pela reparação. Nesse caso em estudo, vemos a utilização do conhecimento teórico-prático aplicado à realidade do negro no Brasil e em que Prandi instrumentalizado sob um trabalho de pesquisa e investigação se debruça a trazer à tona informações concernentes à cultura afro-brasileira. Mesmo que sob uma via também formal, mas que se configura enquanto um espaço simbólico e de sentidos, a escrita tal qual traduzida numa linguagem particular sob o olhar dos terreiros de Candomblé.

Ao longo desse texto procurei pensar a literatura infanto-juvenil como um instrumento na reparação da desigualdade pelo menos na representação social dentro dessa literatura em específico, uma vez que hoje ela é concebida pela temática étnica de modo que décadas atrás não correspondia a tais expectativas. O autor abordado aqui reverencia um exemplo de como mudanças significativas vem ocorrendo nesse ramo.

Na trilogia de Prandi encontramos aspectos da cultura Yorubá típicos do nosso Candomblé, mas também que remete à épocas longínquas quando essa cultura era apenas uma realidade africana, que depois foi reconstruída aqui no Brasil. Resistindo até hoje enquanto mediadores das vidas dos adeptos ao Candomblé, é assim que Ifá, Xangô, Yansã, Oxóssi, Oxalá para além das narrativas presentes nos contos de Prandi revelam em sua prática sócio-cultural viva nos barracões, uma certa intimidade entre seus devotos.

Isso evidencia o que Beek e Blakely<sup>6</sup> anuncia como mudanças não necessariamente no cunho religioso, mas que a África sendo palco de transformações nesses últimos dois milênios decorre de “conquistas políticas, fragmentação e redistribuição de impérios e reinos, todos resultaram em um continente com uma miríade de culturas em constante interação”

---

<sup>6</sup> BLAKELY, T.D. & VAN BEEK, W. E. & TOMSON, D.L., (EDS.). “Introducion”. Religion in Africa, London, James Currey, 1994. pp. 1-20.

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

(1994, p. 21) proporcionou mesmo que na experiência do terror racial uma pluralidade de representações culturais, tal qual o Candomblé.

Vejamos que na literatura analisada aqui o autor se posiciona frente a um compromisso já fixado anteriormente declarado pela própria carreira acadêmica dele em trazer à tona informações acerca do candomblé e de sua origem na visão Yorubá, a ponto de traços comuns dentro da própria religião confinada nesta, se expõe em nível de tornar público outras formas de vida.

Uma íntima e fiel relação dentre devoto e orixá se faz presente, assim como, a criação do mundo é vista pela cosmologia tradicional Yorubá; Ifá e seu poder de intermediar entre os problemas que aflingem os devotos e a interdição perante os orixás, quais procedimentos aqueles precisam tomar para se libertarem, hoje Ifá é personificado em pais e mães-de-santos; traço este decorrente do processo histórico-cultural vivenciado em solo brasileiro quando da escravização, evidencia Reginaldo Prandi (2001, p.51).

Assim, informação e comprometimento político se encontram em um desafio que para Reginaldo Prandi se traduz na consciência e respeito à alteridade, onde lugares se deslocam ao reverterem estereótipos e invisibilidade do negro na mais tenra idade. Crianças e jovens podem conhecer a mitologia presente no candomblé, o que de fato não creio que se trata apenas de mitos, uma vez que ele (re)orienta a vida de muitas pessoas, tem um sentido prático-ideológico que o faz vivo e presente.

Assim, identidades podem ser construídas no sentido de que Gilroy chama de dupla consciência, uma vez que o leitor que se identifica com a temática pode ser levado ao passado e origem na África, mas ao mesmo tempo integrante de uma cultura brasileira e diversa. São multiplicidades que ao mesmo tempo, recoloca o sujeito a pensar sobre o lugar onde está inserido, sobre que realidade vive e dessa maneira pressupõe-se que se alargam as percepções acerca da cultura afro-brasileira, tantas vezes negada na escola, na mídia e na prática sócio-cultural. É preciso de fato ocupar os espaços dessa literatura e de todos os outros espaços em que a imagem seja construída.

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

Nesse caso, a figura do intelectual, como expõe Gilroy (2001, p. 41) é referência no sentido de que sua prática pode ser revertida em luta política, a levar o negro a ser percebido pela sociedade como um agente histórico que apesar de toda a condição submetida a ele ao longo dos séculos de escravização e a posteriori de subjugação de suas capacidades intelectuais, ele resistiu, reorganizou e fundou outras formas de vida e de referências culturais.

É nessa órbita que Gilroy (2001) também traz referência ao navio como um instrumento viabilizador mesmo que forçosamente, do intercâmbio cultural e constituiu outras referências, daí podemos ressignificar que a literatura infanto-juvenil sendo necessariamente uma construção eurocêntrica, ela também traz o rompimento dessa fronteira, uma vez que o negro vem sendo representado de forma mais presente, enaltecido e ocupando também o espaço de ator e escritor.

Glissant fala que “o problema que temos de enfrentar é como mudar o imaginário, a mentalidade e intelecto das humanidades de hoje” (GLISSANT 2005, p.74) e vejo na literatura infanto-juvenil de temática étnico-racial, uma forma de se mudar esse imaginário, reconstruindo sentidos e lugares como o Outro é visto e concebido, claro que esse é um trabalho longo e que de fato pertencem às tramas do futuro, mas os passos principais estão sendo dados e ganhando espaços.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPIAH, Kwame Anthoni. “Identidades africanas”. In.: **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- GILROY, Paul. “O atlântico negro como contracultura da modernidade”. **O Atlântico Negro: modernidade dupla consciência**. São Paulo, Editora 34. 2001.

# TABULEIRO DE LETRAS

ANO 01 - NÚMERO 02

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB  
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

- HALL, Stuart. “Pensando a Diáspora”. In.: **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- LIMA, Heloísa Pires. “Personagens negros: um breve perfil na literatura infanto-juvenil”. In.: **Superando o racismo na escola**. Kabenguele Munanga (Org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. 2001.
- SODRÉ, Muniz. A identidade como valor e Rejeição da alteridade. In.: **Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- PRANDI, Reginaldo. **Ifá, o Adivinho**. Ilustrações de Pedro Rafael. São Paulo: Editora Companhia das Letrinhas, 2002;
- PRANDI, Reginaldo. **Xangô, o Trovão**. Ilustrações de Pedro Rafael. São Paulo: Editora Companhia das Letrinhas, 2003;
- PRANDI, Reginaldo. **Oxumarê, o Arco-Íris**. Ilustrações de Pedro Rafael. São Paulo: Editora Companhia das Letrinhas, 2005;
- PRANDI, Reginaldo. **Os Príncipes do Destino**. Ilustrações de Paulo Monteiro. São Paulo: Editora Cosac & Naify Edições, 2001.
- PRANDI, Reginaldo. “Deuses africanos no Brasil: uma apresentação do candomblé”. In. **Herdeiras do Axé**. São Paulo, Hucitec, 1997, pp. 1-50;
- PRANDI, Reginaldo. **As religiões afro-brasileiras nas ciências sociais: uma conferência, uma bibliografia**. Revista Brasileira de Informação bibliográfica em Ciências Sociais – BIB, 2006;
- PRANDI, Reginaldo. **As religiões e as culturas: dinâmica religiosa na América Latina**. Texto proferido na Conferência Inaugural das XIV Jornadas Sobre Alternativas Religiosas na América Latina. Bueno Aires, 25 a 28 de setembro de 2007;